



A Santa Sé

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II NA MISSA DE SUFRÁGIO PELA ALMA DO CARDEAL UGO POLETTI

27 de Fevereiro de 1997

1. «*Scio quod Redemptor meus vivit*» (*Job. 19, 25*).

No grande silêncio que envolve o mistério da morte, eleva-se repleta de esperança a voz do antigo crente. Job implora salvação Àquele que vive, no Qual toda a vicissitude humana encontra o seu sentido e a sua meta definitiva.

«Eu mesmo O verei, e não outro; eu O verei com os meus próprios olhos» (*Job. 19, 27*), prossegue o texto inspirado deixando entrever, no final da peregrinação terrena, o Rosto misericordioso do Senhor. «O meu Redentor levantar-Se-á do pó», sublinha o autor sagrado que, na bondade misericordiosa do Onnipotente, repõe o fundamento da sua expectativa e o apoio da sua esperança.

2. Esta firme esperança guiou o caminho do nosso saudoso e amadíssimo Cardeal Poletti, ao longo de todo o arco da sua existência entre nós: uma esperança que se apoiava na fé inquebrantável e simples, aprendida na família e na comunidade cristã de Omegna, na Diocese de Novara, onde nascera há oitenta e três anos.

Foi precisamente esta relação de familiaridade e diálogo com o Senhor que levou o jovem Ugo a compreender o chamamento divino e a entrar no Seminário de Novara. Foi esta relação, alimentada quotidianamente na oração, que susteve os seus primeiros passos no ministério sacerdotal. Deixou-se guiar pelo Mestre divino em cada sucessivo serviço à Diocese de Novara, da qual foi nomeado antes Pró-Vigário e, em seguida, Vigário-Geral. Ao lado do seu Bispo e mestre, D. Gilla Gremigni, ex-pároco romano, o Senhor preparava-o para assumir responsabilidades maiores.

Nomeado Bispo Auxiliar de Novara em 1958, seis anos depois a D. Poletti foi confiada a direcção das Pontifícias Obras Missionárias. Em 1967 tornou-se Arcebispo de Espoleto e, depois de apenas dois anos, foi chamado a Roma como Vice-Gerente e colaborador do saudoso Cardeal Dell'Acqua. Em 1972 o Papa Paulo VI nomeou-o Pró-Vigário da Diocese de Roma e, no ano sucessivo, Cardeal e seu Vigário-Geral. Em 1985 confiei-lhe a presidência da Conferência

Episcopal Italiana, encargo que ele aceitou com grande disponibilidade e exerceu com a habitual generosidade, até Janeiro de 1991.

Tendo deixado a direcção da Diocese de Roma, assumiu de bom grado o encargo de Arcipreste da Basilica Liberiana, passando sob a protecção da «*Salus Populi Romani*» — «*Spes certa poli*», como diz o seu lema episcopal — os últimos silenciosos, e certamente não menos fecundos anos da sua vida.

3. «Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo. Faço tudo isto por causa do Evangelho, para me tornar participante dele» (1 Cor. 9, 22-23). Estas palavras do apóstolo Paulo, proclamadas há pouco, bem condizem à constante preocupação apostólica do saudoso Cardeal Ugo Poletti. Recordamo-lo este dia no seu incansável doar-se à causa do Evangelho, sobretudo no cargo de Cardeal Vigário, no qual ele expressou as suas energias mais amadurecidas ao serviço da Igreja.

Um amor particular ligou-o à cidade de Roma, que ele considerava a sua segunda pátria. Teve para com o meu venerado predecessor, o Servo de Deus Paulo VI, sentimentos de veneração e de obediência sincera que, em seguida, reservou com igual cordialidade à minha pessoa, introduzindo-me no serviço pastoral desta singular Cidade, quando fui chamado pela Providência à Cátedra de Pedro. Recordo com comoção os muitos encontros tidos com ele e a paixão com que falava da Diocese, dos Sacerdotes, dos Religiosos, do laicado, dos problemas da gente comum, das luzes e das sombras que se observavam nas rápidas transformações do tecido da Cidade.

Foi sobretudo ele que me introduziu no conhecimento das paróquias, que gradualmente eram por mim visitadas. Graças à sua guia experiente e sábia, pude ler com particular acuidade a complexa realidade da Cidade, entrando em sintonia, cada vez mais profunda, com o rebanho que a Providência me confiou. Por tudo isto sinto hoje o dever de exprimir ao caríssimo Cardeal Poletti o meu sincero reconhecimento.

4. «Faço tudo isto por causa do Evangelho! ». O Purpurado falecido, ao qual hoje apresentamos a despedida espiritual, fez próprias estas palavras de São Paulo. Ele considerava a missão da Igreja intimamente ligada à concreta realidade humana e eclesial da Cidade eterna. Com particular zelo se dedicou a suscitar na Diocese, além da consciência do ligame profundo que a une ao Romano Pontífice, também a consciência e a alegria de contribuir para o seu ministério universal, redescobrimo a própria identidade de Igreja local.

Acolhendo o impulso do Concílio Ecuménico Vaticano II, soube imprimir à Diocese de Roma, nas suas diversas componentes, uma vitalidade nova: marcos miliários para o crescimento da vida diocesana foram as assembleias eclesiais, que tinham em vista recuperar, para a evangelização da Cidade, forças vivas e preciosas a fim de as inserir, de maneira harmoniosa, na actividade diocesana.

5. «Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!». Dir-se-ia que este brado do Apóstolo ressoava constantemente na alma do Cardeal falecido. A sua acção visava suscitar nos Romanos uma consciência viva do extraordinário património de valores, herdado dos antepassados, e um empenho cada vez maior em relação à missão histórica da Cidade em vista do futuro.

Pondo-se à escuta dos que estavam perto e distantes, dos homens de cultura e das pessoas mais simples, dos responsáveis da Administração pública e de quantos eram críticos em relação às instituições, contribuiu para suscitar nos sacerdotes, nos religiosos, nos leigos empenhados uma atitude de acolhimento e de tolerância, que não deixou de influenciar também a vida da comunidade civil.

Com esses propósitos iniciou a preparação do Sínodo diocesano, que constituiu um ulterior momento de leal e positivo confronto entre os cristãos e os cidadãos da Urbe.

6. «Conheço as Minhas ovelhas e elas conhecem-Me» (Jo. 10, 14).

As palavras do Evangelho, que há pouco ressoaram nesta Basílica, indicam qual deve ser o estilo do Pastor para com as pessoas a ele confiadas. Não foi este o modo de agir que assinalou o ministério episcopal do Cardeal Poletti? Não se empenhou ele em estabelecer com todos uma relação pessoal e afectuosa

Podemos dizer que talvez esteja aqui o segredo do seu profícuo serviço eclesial. «Não sou um intelectual, mas um homem que procura estar próximo das pessoas», disse certa vez a um amigo. O seu coração de pastor levava-o a pôr em primeiro lugar este «estar próximo das pessoas», orientando para ele quer as suas energias quer a notável competência teológica, pastoral e administrativa, acumulada nos longos anos de sacerdócio e de episcopado.

O povo de Roma conhecia-o e era por ele conhecido. Para além dos momentos oficiais, o seu zelo pastoral tornava-o capaz de relações repletas de humanidade, nos numerosos contactos durante as visitas às paróquias, às escolas, às sedes de associações, às comunidades religiosas, assim como nas peregrinações diocesanas a Lourdes, nas quais procurou estar sempre presente.

Por isso era amado pelo clero e pelo povo. Saúdo a quantos vieram testemunhar-lhe o seu afecto também nesta extrema despedida: o Presidente da República Italiana, Óscar Luigi Scalfaro, o Ministro Giovanni Maria Flick, as Autoridades civis, os numerosos Sacerdotes, Religiosos e Religiosas e a grande representação dos fiéis leigos.

7. «O Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas». Com a hodierna liturgia fúnebre, iluminada pela presença de Cristo ressuscitado, nós apresentamos a extrema saudação aos restos mortais deste amado Irmão, meu validíssimo colaborador. Recomendamo-lo confiantes ao Bom Pastor, enquanto invocamos para a sua alma eleita a misericórdia divina.

Agradeçamos ao Pai tê-lo dado à Sua Igreja. Acolha-o Cristo Bom Pastor, na Sua morada de luz e de paz e lhe conceda a recompensa reservada aos servos bons e fiéis.

E a Virgem Maria, «Salus Populi Romani », da qual ele foi filho devoto, o introduza na jubilosa liturgia do Céu. «In paradisum deducant te Angeli», dilectissime Frater! Amém.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana